EXTRAPRENSA
CULTURA E COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

CRISES ATRAVÉS DOS TEMPOS: UM DISCURSO CRÍTICO DE ERNESTO SÁBATO

[ARTIGO]

Carla Fatio
Universidade de São Paulo

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O objeto desta análise é compreender o papel da crítica de arte, na visão de Ernesto Sábato, ao elencar sua contribuição ao Simpósio da I Bienal Latino-Americana de 1978. Evidenciamos sua concepção de mundo, ao comparar a vida baseada na idolatria da técnica e na exploração pelo homem. Consideramos as variabilidades ético-morais e a atualidade de seu pensamento, voltada ao questionamento psicossomático do homem, sua eterna busca e transcendência, diante de crises sociopolíticas e morais. Avaliamos seu discurso crítico, os processos míticos evidenciados nas reflexões dialéticas sobre a arte e a identidade dos diversos movimentos filosóficos narrados.

Palavras-chave: Crítica de arte. Arte. Interrelações Sociais. Crise Ocidental. Fundação Bienal de São Paulo.

This paper analyzes how the relevance of art criticism under the perspective of Ernesto Sabato after submitting his contribution to the Symposium of the First Latin American Biennial of 1978. We describe his world view when comparing life based on the worship of technique and that based on the exploration caused by man. We verify the ethical-moral variations and the significance of his critical thinking focused on the psychosomatic process of humans and their endless search and transcendence in the face of socio-political and moral crises. We evaluated his critical discourse, the mythical processes evidenced in his dialectical reflections on art, and the identity of the various philosophical movements described.

Keywords: Art criticism. Art. Social Interrelations. Crisis in the Western Hemisphere. São Paulo Biennial Foundation.

El objetivo de este análisis es comprender el papel de la crítica de arte, desde la perspectiva de Ernesto Sábato, al enumerar su contribución al Simposio de la I Bienal Latinoamericana de 1978. Destacamos su concepción del mundo, al comparar la vida basada en la idolatría de la técnica y en la exploración por el hombre. Consideramos las variabilidades ético-morales y la actualidad de su pensamiento centrado en el cuestionamiento psicosomático del hombre, su eterna búsqueda y trascendencia, frente a las crisis sociopolíticas y morales. Analizamos su discurso crítico, los procesos míticos evidenciados en las reflexiones dialécticas sobre el arte y la identidad de los diversos movimientos filosóficos narrados.

Palabras clave: Crítica de arte. Arte. Interrelaciones sociales. Crisis occidental. Fundación Bienal de São Paulo.

DOI: https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.169413

O contexto histórico

A I Bienal Latino-Americana aconteceu na sequência de quatro Bienais Nacionais, e no ano subsequente à morte (1977) do então diretor-presidente, Francisco Matarazzo Sobrinho, "Ciccillo". No contexto histórico, a Fundação Bienal de São Paulo designou um novo Conselho de Arte e Cultura para colocar em andamento vários temas que abrissem possibilidades e peculiaridades que emergissem dos países latino-americanos. E com o intuito de desenvolver os propósitos de seu fundador, votaram por trazer ao público um de seus sonhos: a execução de uma bienal de origem unicamente latino-americana. Houve, primeiramente, a designação de grupos de trabalho para o levantamento de uma pesquisa territorial brasileira sobre arte e artistas da cultura de raiz. Em sequência, um planejamento às indicações diplomáticas à Mostra Expositiva da edição. E, no sentido de alinhar estudiosos da arte, surgiu o Simpósio, em prol de decodificar e valorizar a arte e a identidade latino-americana, fomentar o papel da crítica de arte, bem como identificar o futuro das bienais, seu sentido crítico e funcional para as novas gerações, entre outros tópicos.

O Simpósio da I Bienal Latino-Americana representou um marco divisor na forma de se experienciar o papel da crítica de arte, aos ditames da época. Imbuiu-se de uma função construtiva para exercer um diálogo latino-americano entre aqueles que de fato queriam propor (mesmo que idealisticamente) um novo patamar à perspectiva formativa (no sentido cultural) de valorização de uma "arte autêntica" das sociedades da América Latina e Caribe, bem como instituir um projeto cultural nacional, e retirar possíveis denominações das elites dominantes do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Outro ponto a considerar, era o fato de que as obras dos artistas do continente viam-se preteridas nos processos artísticos de premiação, diante dos modelos europeus e dos próprios ditames hegemônicos norte-americanos. E diante dessa crise de ordem moral e cultural, e com a possibilidade de gerar novos conceitos críticos, foram convidados a participar desse desafio jornalistas, críticos de arte, pesquisadores da arte africana, indígenas, entre outros. A Fundação Bienal de São Paulo foi o palco tanto para essas estratégias como para crises que se instalaram.

Ernesto Sábato foi um dos 33 críticos presentes ao Simpósio. Apresentou a tese intitulada: *Anotações sobre a crise ocidental e a desmistificação* (1978) escrita em espanhol. A versão original, composta de dezessete folhas datilografadas (em máquina de escrever), encontra-se no Arquivo Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

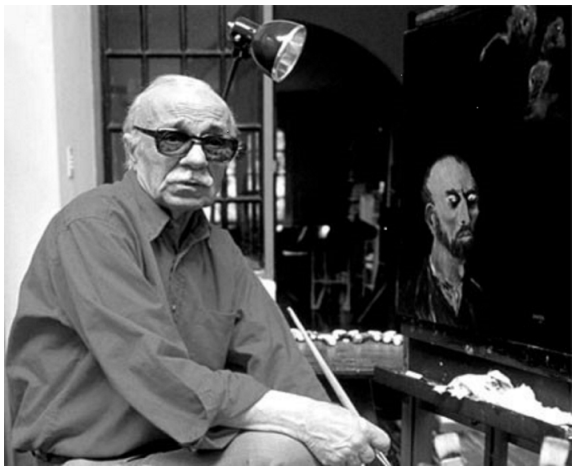
Quem foi Ernesto Sábato?

Ernesto Sábato (1911-2011), foi escritor argentino e professor da Universidade Nacional de La Plata, desenvolveu uma narrativa existencialista em suas obras. Seu trabalho objetivou aprimorar temas que envolvessem a depressão humana, as relações e interrelações pessoais no campo emocional e sociopolítico.

Dedicou-se a desvendar o medo que abatia a civilização moderna de forma

contínua e ascendente. O autor teve apenas quatro romances, entre os vários livros publicados ao longo de sua vida: *El túnel* (1948), *Sobre héroes y tumbas* (1961), *Abaddón el exterminador* (1974) e *El dragón y la princesa* (1995), que corroboraram nas temáticas de depressão, crise, e angústia, as quais a humanidade sempre insistiu em mergulhar. Suas obras foram prestigiadas com prêmios internacionais e estão traduzidas em vários idiomas. Sua produção tornou-se estritamente literária. A pintura foi também outra de suas paixões, ao longo de seus 99 anos.

[Figura 1]
Ernesto Sábato



Fonte: https://bit.ly/37W8vVs

A Argentina ficou subjugada à ditadura militar de Juan Perón por mais de dez anos. Ernesto Sábato por não acreditar nesse sistema, abandonou a carreira por publicar artigos contra o regime do presidente. O reconhecimento internacional, entretanto, acabou transformando o autor em um tipo de formador de opinião da sociedade argentina. Ao assumir esse papel, paradoxalmente, passou a se afastar da atividade literária. Ernesto Sábato foi considerado como um dos autores mais importantes do boom da literatura hispano-americana dos anos de 1960. Em sua tese, o autor evidenciou o tempo em que a realidade era regida pela razão pura, e simultaneamente, pelo realismo mágico do continente latino-americano.

Brindou-nos com reflexões dialéticas sobre a arte e a identidade, baseadas nos diversos movimentos filosóficos a que se propôs eleger em um processo narrativo e mítico. Sua pesquisa estava em consonância ao tema "Mitos e Magia" da I Bienal Latino-Americana de São Paulo, que esteve fundamentada sobre três vértices: "mitos e magia na arte latino-americana", "problemas da arte no continente", e "propostas para as próximas bienais latino-americanas".

Anotações sobre a crise ocidental e a desmistificação

Apresentou-nos um mundo ocidental vivendo sob a pressão do Existencialismo, aproximando um marco paralelo entre o real e o irreal. Ernesto Sábato explicou que quando essa mentalidade nos levava a uma crise mais profunda da História, os países, em pleno desenvolvimento, deveriam fazer um "alto" para avaliar as virtudes e defeitos do progresso material. Suscitou que deveríamos não destruir o avanço técnico, e reexaminar certos fundamentos de diferentes correntes, fixar as direções que deveríamos seguir, para a salvação do homem desumanizado.

Vivia-se um momento de dialogismo entre os participantes do Simpósio. Os estudiosos da arte se concentravam em

princípios ligados às bases existencialistas versus uma realidade ditatorial imposta por governantes que, de maneira funesta, não se interessavam com a preservação à simbologia regional e cultural. Explicamos que esses movimentos políticos imperavam por uma pretensa destruição de valores fundamentais às sociedades latino-americanas comprometidas com a família e a religião. A arte era manifestada em prol de um mundo mais justo, para uma sociedade mais humana, como uma ferramenta política.

Nessa longa e precisa tese, apresentada a mais de 42 anos, temos um tema tão atual para a contemporaneidade. Ao descrever tantas crises que assolaram o homem, em suas diferentes culturas, em seus valores ético-morais, mostrou o quanto o homem já viveu vários "abismos" em sua história, de diversas ordens, sociais, econômicas, morais, entre outras.

Com esse pequeno artigo propomos o pareamento das ações engendradas pelo próprio homem ao seu mundo psicossomático e a compreensão de como esses conceitos, desde a doutrina do Existencialismo até a Fenomenologia, reverberaram nas interrelações sociais. Ernesto Sábato nos apresentou uma perspectiva crítica, ao falar sobre as questões culturais, em um comparativo entre a mentalidade do europeu e a do latino-americano. Mostrou-nos sua percepção em relação aos movimentos que integravam o homem em suas diferentes e complexas relações, tanto ao lidar e saber compreender a realidade, como as possibilidades imanentes em sua vida diária. Trouxe grandes filósofos para embasar sua teoria, e, ao buscar a essência do homem, colocou-nos diante do mundo contemporâneo, assolado por crises e perigos.

Para Ernesto Sábato seria legítimo recordar tanto o pensamento de Schopenhauer como o de Nietzsche, ao mencionar que esse filósofo retomou em seu livro *Aurora*[1] o caráter contraditório e ambíguo dos fenômenos do espírito. Mencionou que muitas das ideias expostas nessa tese foram abordadas em seu ensaio "Hombres y Engrenajens" (SÁBATO, 1951). Nesse aspecto, Sábato propôs retomar, de uma maneira simples, uma questão relevante ao espírito humano. Citou:

> Aqui não posso dar plenos fundamentos às minhas ideias. Proponho aproximações de um renegado da ciência, que investigou na obra fictícia o homem físico, em vez do sensato e/ou o mito-poético, que foi esfacelado por um racionalismo cego, e por uma mentalidade nem científica e técnica, e sim tecnocrata. São aproximações apaixonadas e discutíveis, de provável fertilidade (LIVRO..., 1978, p. 2, tradução nossa).

Desenvolveu sua tese em dez tópicos e começou validando a questão da *tripla paródia do Renascimento*, tema esse que se caracterizou como uma engrenagem de uma "gigantesca máquina anônima". Explicou que os impulsos que evidenciaram a mentalidade moderna foram a racionalidade, a objetividade e a quantificação. Ernesto Sábato descreveu que jamais, em nenhuma outra cultura, nem em nenhuma outra parte do mundo, se produziu um acontecimento parecido. Elucidou que foi necessária a conjunção de muitos fatores que nunca se deram, a não

1 Livro *Aurora* (1881) é uma obra de Friedrich Nietzsche. O livro foi composto por 575 aforismos divididos em cinco livros. O próprio Nietzsche o resumiu em um prefácio datado de 1886.

ser na Europa Renascentista. Enumerou, primeiramente, o término do processo racionalista que vinha desde Sócrates. Depois, foi o impulso da Ciência Positiva nas cidades italianas, e por fim, o desenvolvimento simultâneo do Capitalismo.

Sábato nos explicou que essas três forças se lançaram à conquista do mundo exterior, mediante a máquina, que se tornou a "filha preferida e inevitável dessa conjunção". Trouxe o filósofo existencialista Nikolai Berdiaev para categorizar os caminhos desse homem em busca de seu sentido existencial, e para embasar seu próprio questionamento. Evidenciou que esse filósofo caracterizou o Renascimento como produto de três paródias. Narrou que esse processo promoveu duas potências, dinâmicas e "amorais". A primeira foi com a "razão do capital". E a segunda foi o homem quando conquistou o poder secular. Sábato (LIVRO..., 1978, p. 2) pontuou: "Aí estava a raiz do triplo paradoxo, a conquista se fez à custa da abstração". E nesse sentido, mostrou-nos quando havia iniciado o processo de desumanização do homem no sentido universal. Em sua ótica crítica, Ernesto Sábato descreveu o feitio de uma História tortuosa e a dificuldade em se colocar datas precisas. Exemplificou a Primeira Cruzada, mediada por uma obra da fé cristã e do espírito aventureiro, que poderia mostrar o quanto aquele mundo cavalariço, estava subjugado ao mundo senhoril. Indicou que havia o exército servindo ao ressurgimento mercantil da Europa, e que viria a lograr o poderio comercial das comunas italianas e a nova classe profana e "utilitária".

Sabemos que essas lutas e seu ascenso provocaram acontecimentos de largo alcance. Segundo o autor, a Ciência Positiva nasceu naquelas "comunas", como instrumento de dominação do mundo, que serviria aos propósitos de uma burguesia. Analisamos o quanto era pragmática sua sugestão de estabelecer o que era necessário a um projeto humano que servisse de ideal e permitisse reconstruir sua unidade perdida. Ao revalorizar as velhas sabedorias e culturas, chamou-as de "arrogâncias europocêntricas e primitivas". (LIVRO..., 1978, p.2). O autor nos elucidou que essas sabedorias e culturas nunca depreciaram o lado obscuro dos elementos emocionais e alógicos do espírito humano.

Evidenciou-nos que, ao contrário, nessas condições, os países periféricos puderam ser "resultados úteis" a toda a humanidade, porque seus "defeitos" se revelaram dialeticamente em virtudes preciosas para a ressacralização da pessoa. Era o tempo em que a Ciência Positiva convivia em paralelo com a proscrição do pensamento mágico.

Com o nascimento da Ciência Positiva, surgia uma realidade que se faria quantitativa, e a burguesia tomaria partido em sua intenção de dominar o mundo. Esclareceu-nos que quando irrompeu a mentalidade "utilitária", tudo se quantificou. Era um contraponto ao mundo Feudal qualitativo, no qual a jornada se media pelo tempo da lua e do sol, entre o dia e a noite. Indicou que com o surgimento dos relógios mecânicos em pleno século XIV, o tempo passou a ser divisível, de modo a favorecer o espaço a ser quantitativo, com o início das viagens intercontinentais, longínquas, em busca de possíveis riquezas. Foi uma reviravolta. O intercâmbio cultural com o Oriente veio a introduzir as ideias de importantes filósofos, como misticismo numerológico de Pitágoras, considerado como o matemático

da Antiguidade, ao celebrar o matrimônio de conveniência com os florins[2]. Exemplificou que nada demonstrava melhor a natureza desse matrimônio do que a obra de Luca Pacioli, que descreveu considerações sobre a '"Divina Proporção' até as 'Leis da Contabilidade'" (LIVRO..., 1978, p. 4). Para Ernesto Sábato, aquele homem moderno conhecia as forças que governavam o mundo natural e as colocava ao seu serviço. Identificou que queriam, talvez, saber como funcionava esse misterioso mecanismo.

O segundo tópico foi "a superstição da Ciência". Essa questão permeava o universo social, reiterada pela nova doutrina do Positivismo que nascia no Cientificismo e no Materialismo mais primários. Converteram-se em uma calamidade, ao longo dos séculos XVIII e XIX. O autor considerou que o avanço da técnica originou o dogma do "progresso geral ilimitado", com a doutrina do "melhor e maior". A ciência havia se convertido em uma nova magia, e o homem da rua começou a acreditar muito mais nela, quanto menos a compreendia.

Essa mentalidade só fez crescer ainda mais o pensamento mítico. Ernesto Sábato narrou que essa mentalidade não desapareceu, apesar do grande movimento filosófico antipositivista. Pelo contrário, foi sendo incrementada no espírito popular, fascinado pelos ciclótrones, e pelas viagens à lua. Citou que, mesmo na base da Filosofia, encontraram-se novas formas sofisticadas que migraram da Psicologia Behaviorista até o Empirismo lógico, vertendo modelos ao Estruturalismo. Para Sábato nada mudou quanto à atitude diante do pensamento mágico. Reafirmou: "Até o ponto em que um espírito como Paul Valéry, tal como poderia fazer um filósofo da Ilustração, argumentou que a reversão de mitos era uma das funções primordiais do intelecto" (LIVRO..., 1978, p.5).

Como terceiro ponto, trouxe a questão do "homem e a intempérie". Para o autor, era um momento de ação combinada entre o capital e a Ciência Positiva que responderiam ao mundo como um todo. Envolvia a economia, a concentração da indústria e o capital financeiro, pleno de abstrações, levando o homem a esse patamar. Valiam-se de números e máquinas, a ponto desse homem ser além de uma mera peça da engrenagem, ser também um modelo estandardizado, massificado em qualquer tipo de aspiração. Isso estava impregnado tanto no Capitalismo como no Socialismo. Descreveu que a Ciência Positiva conduziu a um fantasma matemático, e, desse modo, a economia moderna produziu uma sociedade de "homens abstratos". Ernesto Sábato esclareceu que a Ciência dispunha dos meios de comunicação, como o jornal, o rádio, a televisão e a propaganda. Mencionou que os homens, nos países mais avançados, eram obscuros e apenas engrenagens impotentes. Exemplificou novamente autores como Blake, Dostoiévski, Kierkegaard e Nietzsche, que intuíram que algo trágico estaria se gestando em meio ao otimismo universal.

Ernesto Sábato citou o pensamento do filósofo Martín Buber. Referendou sua teoria em relação ao homem concreto e emocional, no sentido de compreender como esse homem se posicionava diante dos novos tempos, sua relação aos ritos e símbolos, e diante da morte e de Deus. Tanto Sábato

2 Nome dado a moeda corrente no Sacro Império Romano-Germânico, que depois foi atribuído à unidade monetária principal dos Países Baixos, e substituída subsequentemente pelo euro.

como Buber possuíam objetivos similares de reconhecer e pesquisar a trajetória desse homem frente às expectativas de um futuro incerto. Explicou que a natureza se converteu apenas em uma simples matéria para ser explorada. E o corpo do homem, por pertencer à natureza, também foi profanado, terminando por ser considerado como um objeto a mais, aumentando sua solidão.

Sábato defendeu que não havia como o homem existir "sem o diálogo e a comunicação" e que ambos eram impossíveis sem que houvesse uma interação entre as pessoas. Citou que seria ilusório haver telefones prontos para responder aos suicidas e aos drogados. Fez uma menção sem nomear, que o país onde a comunicação eletrônica era a mais perfeita, era também o país onde havia a maior solidão humana. Fica subentendido que seria os Estados Unidos da América, indicado pela teoria do *bigger and better* citado pelo autor. Era o século XX. Sábato manifestou que a crise que viviam não era uma crise do sistema capitalista: "É uma crise da concepção de mundo e da vida baseada na idolatria da técnica e na exploração do homem" (LIVRO..., 1978, p. 7).

Como quarto ponto, citou as "fúrias invencíveis". Para o autor, o movimento do Romantismo foi crucial contra a mentalidade técnica, como uma sorte do misticismo profano que defendeu os direitos da emoção e da fantasia. O que equivaleria a proteger o homem concreto contra a abstração científica. Era o momento de enaltecer as sociedades secretas. Citou os filósofos Blaise Pascal e Giambattista Vico, que abriram os caminhos por onde Jean-Jacques Rousseau proclamaria os "direitos do coração", sendo um dos principais filósofos do Iluminismo e um precursor do Romantismo. Para Ernesto Sábato, o intermédio das sociedades secretas, fosse mediante charlatões e taumaturgos ou não, veio a prevalecer. Apresentou o resultado da 'proscrição'. Seria, ao seu entender, "a catástrofe espiritual como consequência da desintegração do homem, operada pela razão analítica, com a separação do homem e do Cosmos, ao sentimento geral de frustação" (LIVRO..., 1978, p. 9).

Em seu quinto ponto de análise retomou a questão sobre o "Romantismo Alemão". Tornava-se um paradoxo o fato de que a Alemanha vivia como um povo predisposto mais que nenhum outro ao Romantismo. Nesse sentido, buscava combater o próprio Racionalismo nacionalista em sua metrópole.

O autor identificou que o desencantamento da cultura por obra do Racionalismo provocou o surgimento do "mágico" como atributo central do movimento Romântico. Valorizou que o Romantismo germânico viu na poesia e na música o caminho do conhecimento autêntico, revivendo, em certo modo, as doutrinas iniciáticas da Antiguidade e enfrentando as raízes do Espiritismo Socrático e do pensamento burguês. Pelo exposto, observamos que se considerava o Romantismo Alemão não como um mero movimento na arte, e sim uma vasta e profunda rebelião contra as bases da própria Filosofia racionalista. As coisas foram além, para depois retroceder. Estávamos diante de consequências relacionadas às essências das coisas versus a existência do homem.

Como sexto ponto de análise, Sábato trouxe a questão do "homem contra os sistemas". O autor colocou que o sistema se fundia nas essências universais, e se

tratava de existências particulares e concretas. Fez um paralelo, entre seu próprio pensamento e o de Nietzsche, ao questionar se "a vida deveria dominar sobre a ciência ou a ciência deveria dominar sobre a vida" (LIVRO..., 1978). Sábato narrou que frente a essa interrogação de Nietzsche, a qual se tornara protagonista daquele tempo, afirmou sua empatia à "preeminência" da vida. Para o autor era vasta a insurgência que despontava. Citou que, tanto para Nietzsche como para Kierkegaard e Dostoiévski, a vida do homem não poderia ser regida pelas "razões abstratas da cabeça, e sim, pelas razões do coração". Segundo Tanto para Sábato como para esses autores "a vida desbordava os esquemas racionais, e estava indissoluvelmente vinculada ao irracional e ao mitológico" (LIVRO..., 1978, p. 10).

Ernesto Sábato (LIVRO..., 1978) mencionou que era necessário separar os tipos possíveis de existências. Esclareceu que, a rigor, na teoria de Hegel existia elementos da negação. Valorizou, entretanto, aspectos do pensamento desse grande filósofo ao ponderar sobre esse homem como ser histórico, pertencente a uma sociedade, capaz de se desenvolver e se aprimorar como indivíduo oriundo desse universal.

Esse sentido histórico provocou uma reação genuína de seu discípulo, Karl Marx, contra o Racionalismo extremo. Nesse processo, segundo Sábato, o Socialismo, ou melhor, a doutrina Marxista converteu a criatura humana em um fenômeno social, e em uma consciência social. Confessou que o repúdio pelo pensamento mítico era em razão de acreditar que, um dia, o pensamento científico predominaria. Falava-se em uma alienação do homem em relação a si mesmo. Subsistia a mecanização de uma vida inteira, a robotização de uma sociedade. Em virtude da exploração também de classes que se estendia além do capitalismo, até uma sociedade socialista, baseada na técnica e na concentração industrial, tornava-se a vida uma forma mecanizada.

Como sétimo ponto analisou a questão da "reinvindicação do mito". Explanou que a rebelião romântica se constituiu de uma reaproximação ao mito. Citou: "O pensamento ilustrado do homem progredia à medida que se aleijava do estado mito-poético" (LIVRO..., 1978, p. 12). Pensadores e psicanalistas como Sigmund Freud e Carl Jung despontaram nesse processo de trazer justificativas às perdas emocionais do homem, em sua eterna busca de si mesmo. Em um plano dialético maior, permitiam-se o ingresso ao pensamento racional ao lado do pensamento mágico.

Na análise do oitavo ponto, tornou-se necessário compreender a distinção entre "desmitificar e desmistificar" e o real valor que esses verbos emanavam no inconsciente coletivo. Explanou o pensamento de Sigmund Freud, ao citar o quanto esse autor foi um gênio poderoso, mas "bifronte". Justificou que por um lado havia a intuição e a consciência que não emparentavam com os pensadores do Romanticismo Alemão, e de outro lado, aquela formação positivista da medicina de seu tempo. Sábato citou uma síntese da obra "Dialética do Concreto" de Karel Kosik (1976). Surpreendeu-se ao comprovar que esse mesmo filósofo tcheco dava valor absoluto à arte. Não pensava, entretanto, no mito como um devaneio que pertencia ao mesmo universo da arte e cedia às mesmas características da "totalidade concreta". Era a forma do absoluto para o Marxismo, como para o Existencialismo.

Enalteceu o quanto o filósofo Giambattista Vico havia também observado o parentesco do mito com a poesia. Tornara-se evidente que o espírito do artista seguia sendo mito-poético. Explicou que o mito não era teórico, e era necessário concordar com Ernest Cassirer. Sábato ao se referir ao mito, citou:

> Sua lógica é incomensurável com nossas concepções da verdade científica. Mas, a filosofia racionalista nunca quis admitir semelhante bifurcação, e sempre esteve convencida de que as criações míticas devem ter um sentido inteligível; o mito a oculta, traz todos os gêneros de imagens fantásticas e símbolos, e a tarefa do filósofo é "desmascará-lo". Momento em que o vocabulário "des-mitificar" é a menudo convertido a "des-mistificar" (LIVRO..., 1978, p. 13, tradução nossa).

A arte tornava-se aliada nessa vasta incompreensão dos sentidos e, coligado a ela, poderia se relacionar à realidade puramente sentida e observada, em que o mito provocava todas as camadas do pensamento racional. Com Cassirer, passamos a compreender a importância tanto do filósofo ao desmascarar o mito oculto, como ao artista, ao empoderar essas imagens. Ernesto Sábato analisou que o mito, a arte e o sonho tocavam ao fundo de certos elementos permanentes da condição humana, ao custo do processo social e econômico. Esses elementos se constituíram como representações especiais através das épocas e culturas.

Como nono ponto de análise, temos o estudo sobre a "totalidade concreta do homem". Em sua observação, Ernesto Sábato nos mostrou o quanto o homem caminhava em direção a uma bifurcação e a um profundo aparelhamento dos conceitos. Mencionou que para o fenomenologista Maurice Merleau-Ponty, a Metafísica estava reduzida pelo Kantismo ao sistema de princípios, em que a razão empregava a constituição da ciência e do universo moral. Citou: "No melhor dos casos, porque se supõe que a dialética marxista desqualifica definitivamente qualquer intento da Metafísica, e desde logo, é uma afirmação de índole metafísica" (LIVRO..., 1978, p. 14). Explicou que a palavra "índole metafísica" foi empregada no sentido que Sartre deu "ao Ser e ao Nada", como resultado dos estudos dos problemas individuais que deram origem a esse mundo do homem como totalidade concreta.

Em seu papel de crítico de arte, Ernesto Sábato confessou que vacilou em afirmar que talvez pudesse sê-lo mediante a atividade total do espírito humano, e muito, especialmente, pela obra artística. O autor esclareceu que Platão foi pelo menos um entre aqueles filósofos racionalistas que precederam ao Existencialismo e puderam advertir ao mesmo impulso. Pontuou que Platão recorreu à poesia e ao mito para poder complementar a descrição do movimento dialético em relação às ideias. Os valores inerentes ao homem já estavam implícitos, e esses atributos, ainda que fossem manifestados no homem concreto, ou seja, histórico e social, possuíam a "permanência" do homem de todos os tempos. Era o motivo pelo qual, ainda que desaparecessem as sociedades, surgiriam, de alguma maneira, as manifestações apaixonadas, que, segundo o autor, seguiriam nos moldes dos dramas de Sófocles.

Ernesto Sábato mencionou que, por mais que tratasse sobre a totalidade concreta, categoria fundamental também do

Marxismo, não parecia jamais alcançar o pensamento puro. Justificou que o ponto de vista metafísico era o único que permitia conciliar a totalidade concreta do homem. Em particular, era a forma isolada de se conciliar o psicológico com o social. Estavam implícitos a sua ânsia do absoluto, a vontade do poder, o impulso à rebelião e a angústia diante da solidão e da morte.

Como décimo e último ponto de sua análise, trouxe o "sentido transcendente das ficções". Via-se dois lados ambíguos: tanto a miséria humana como a possibilidade de sua grandeza. E nesse espectro, havia os artistas como decodificadores da condição humana. Pontuou que não foi mediante conceitos puros, senão, mediante símbolos ambíguos e significativos, mitos *polissêmicos* e precisos. Para o autor, os grandes novelistas escreviam por seu puro pensamento racional e no intuito de mostrar o mito em uma condição inerente ao mundo apocalíptico da condição humana. Sábato citou: "Havia a possibilidade de sacudir os homens alienados, donos de suas "tremendas verdades", com seu áspero humanismo". Complementou que não somente descreveriam o "drama desse ser", e sim mostrariam as entranhas do mundo tecnocrata em que estávamos imersos. Ernesto Sábato finalizou sua proposição ao dizer que "esse homem não era somente corpo, mesmo que pertencêssemos apenas ao reino da zoologia. Tão pouco ao espírito puro, mesmo que fosse nossa aspiração divina" (LIVRO..., 1978, p. 17). Observamos que diante desse viés, temos o Existencialismo Fenomenológico, que não foi considerado nem a pura objetividade e nem a pura subjetividade da ciência. Estávamos diante dos extremos da miséria humana, e ao mesmo tempo, de sua grandeza.

Considerações finais

Ao ler a tese de Ernesto Sábato, percebemos que o autor compartilhou de uma visão acima de qualquer julgamento, como deveria ser a qualquer crítico em sua posição. Para ele, esse período foi caracterizado como de "angústia" para a humanidade e associado à consciência moderna.

Ernesto Sábato nos apresentou uma das chaves para a compreensão do paradigma contemporâneo, ao evidenciar que, na perspectiva dos europeus, tudo que não era compreendido em termos de "cultura" tornava-se "primitivo". Brindou-nos com filósofos que exerceram grande influência nas ciências sociais, e deixaram um legado para a pós-contemporaneidade. Nesse sentido, e através das reflexões sobre a arte e a identidade, validou-nos dialeticamente com a apreciação da "diferença" nas culturas periféricas. Colocou-se e posicionou-se diante de uma plateia de estudiosos da arte latino-americana no Simpósio da I Bienal Latino-Americana de 1978, ao identificar a arte, com a capacidade de exercer o melhor grau positivo na essência do homem.

O autor soube também valorizar que os grandes novelistas daquele tempo (1978) não escreviam nem por puro jogo e nem pelo simples prazer da beleza. Escreviam para indagar e descrever, mediante o pensamento racional, e mais, colocar o mito na condição do homem, em um mundo apocalíptico. Buscava-se uma contribuição à sua salvação espiritual no meio da sinistra estrutura da sociedade tecnocrata. Era a oportunidade que sinalizava possibilidades. O caminho permanecia ainda no embasamento filosófico, que nutria a valorização ao empenho

de um espírito puro, e a possibilidade de manter o tão cobiçado e eterno "universo platônico", invulnerável aos poderes da era. E facilitar a esses autores e artistas poderem encontrar seu espaço, entre o mito e a ficção. Mostrou-nos que ao se depararem com cataclismas ou crises de quaisquer situações, os artistas puderam registrar e revelar tais condições humanas.

Recordar as guerras humanas, as pestes e crises que avassalaram anteriormente o homem de nada adianta. Tempos que foram e retornaram em uma velocidade literalmente globalizada. O homem sofre e, quando passa a crise, esquece. No século passado, tantas dominações políticas, tantas guerras, tantos genocídios, tanta fome e ausência de saneamento. Vários paradigmas expostos para explicar ao próprio homem aquilo que sempre se negou em aceitar: sua pequenez diante de um universo maior, de uma natureza infinita de possibilidades.

Ao se observar as crises mundiais, entretanto, vemos um caminho da humanidade sempre em vias de colapso sociopolítico, engendrando o campo emocional. E não tiramos a razão do autor, ao citar as questões do século passado relacionadas à violência diante da droga, do abuso sexual, da criminalidade perversa, do desequilíbrio coletivo e de tantas enfermidades psicossomáticas, passando a assolar cada vez mais ao homem urbanizado.

O século XX ainda contabilizou duas grandes guerras mundiais, onde o armamento bélico prescindiu ao homem. O crítico caracterizou o tempo (1978) em que viviam. Guerras que persistiam, com desumana mecanização, ditaduras totalitárias engessando o homem, destruições catastróficas da natureza, neuroses coletivas e histeria generalizada. Duas grandes nações dividindo o mundo em dois blocos. Assistia-se a uma quebra total da democracia. Era o abismo do homem. A fenda emocional havia dragado o homem em seu próprio território ambíguo. Para Ernesto Sábato, esse tempo se constituiu em um momento de abandono do homem por si mesmo, desaparecendo a sensação de segurança que se tinha diante daquilo que poderia ser familiar.

Com um aspecto semelhante às crises narradas pelo autor, fomos além de seu discurso crítico. Justificamos essa extensão, por caracterizar uma pandemia global na saúde, com desdobramentos terríveis para a economia, suscitando uma outra crise, a de ordem ético-moral na política. E nesse centro, temos o homem, em colapso, em diferentes níveis de sobrevivência: social, emocional, espiritual, financeira. O processo passa a ser experiência. E esse ponto de convergência nos leva a um contraponto. Temos a desestrutura psíquica, em que o medo, a indiferença ao outro, mostra-nos um diagnóstico de desumanização. E do outro lado, o homem em busca de si mesmo, na possibilidade de se reconhecer e se colocar aberto à oportunidade. Vemos solidariedade e a intelectualidade em busca de soluções para conter o flagelo humano.

Segundo Mascaro (2020), "precisamos ter em mente que o teto das reações à crise deve necessariamente estar acima de vacinas cujos anticorpos são produzidos pelo próprio sistema exatamente em função da finalidade de lhe dar sobrevida". O jurista nos propõe compreender a trajetória humana, em múltiplas crises transformadas em revoluções, ao exemplificar os alvoroços políticos

provocados por uma "burguesia" em prol de ideais de busca por esse homem humanizado.

Diante de uma perspectiva global, várias crises estão em ação. Vivemos um período de diversidade e complexidade sociocultural e político-financeira. Na História temos tantos paradigmas, tanto de tanto. E o momento presente?

Temos situações paupérrimas em que a fome, a sujeira, a falta de água potável, a ausência de tratamento de esgoto e a depressão emocional pelo isolamento mostram sua realidade feroz. O mundo parou. O coronavírus (vírus causador da Covid-19) nos mostra outro aspecto. Seria o lado desumano, ou uma resiliência, que estaria em uma busca coletiva para um mundo melhor? Teremos a opção de nos tornar menos ambiciosos em modelos de consumo consciente? Ernesto Sábato estaria avidamente comentando.

Vemos e vimos as políticas de esquerda, de direita e de centro-direita, em busca de seu espaço de dominação, não de redemocratização, não de constituição humana por um mundo melhor. Seria novamente uma mera utopia?

A arte continua a nos mover e a nos sensibilizar, como estruturas simbólicas, como conexões e fenômenos, à essência do pensamento social e emocional. Todos os movimentos de mudanças significativas, sejam econômicas, sociais ou mesmo simbólicas, se repetem a cada novo ciclo do homem. Não importa mais contar e recontar nossa História e a influência de seus respectivos movimentos filosóficos, citados pelo autor. Porque a própria redemocratização ou o fortalecimento de movimentos sociais, princípios democráticos morais, ou mesmo, a criação de uma moeda europeia única, o alinhamento de blocos econômicos em prol de objetivos comuns, e tantos outros fatores exercidos pelos governos, no sentido do avanço progressista, não poderiam curar o homem dos sintomas psicossomáticos que atravessamos.

Curvamo-nos diante daquilo que acreditamos, e a maioria acredita em um Deus maior, onipresente e onipotente. Pode até ressignificar um retorno às origens, aos costumes mais conservadores. Como os povos antigos, em seus ritos, voltamos a olhar para o sol, para a lua, para as estrelas, para o movimento da natureza. Passamos a observar essa "magia de vida" pulsar em nossas células, com gratidão. O momento atual nos nivela novamente, e as perspectivas tornam-se incógnitas. Diante da formação moral de cada ser, busca-se, no vazio, entender se a perspectiva atual será um abismo ou uma nova possibilidade. Voltamos ao mito da caverna de Platão? Somente as próximas gerações poderão dar a resposta a essas consequências. ■

[CARLA FATIO]
Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (Prolam) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Ciências pelo Prolam/USP (2012), com ênfase em crítica e produção cultural.
E-mail: carlafatio@gmail.com

Referências

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, 128 p. Disponível em: https://bit.ly/3hXpgUE. Acesso em: 17 jun. 2020.

LIVRO: simpósio v. 1. **Fundação Bienal de São Paulo**, São Paulo, 1978. Disponível em: https://bit.ly/2B3ySwv. Acesso em: 10 jun. 2020.

MASCARO, Alysson. **Crise e pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SÁBATO, Ernesto. **Hombres y engrenajens**. Madrid: Alianza Editorial, 1951. Disponível em: https://bit.ly/3fUTrtN. Acesso em: 29 maio 2020.